



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

O CIRCO DO PÃO E CIRCO: O FUTEBOL COMO FERRAMENTA DE CONTROLE SOCIAL DA DITADURA CIVIL-MILITAR DURANTE O GOVERNO MÉDICI (1969 – 1974)

Romulo Cesar Barros Aguiar¹

Resumo: Esta pesquisa analisa o processo de apropriação do futebol pela ditadura civil-militar, durante o governo do general Emílio Garrastazu Médici, vigente entre 1969 e 1974, com o objetivo de utilizá-lo como ferramenta de controle social, construindo uma ideia de pacificação da sociedade, ainda que artificial. Desse modo, esta pesquisa aprofunda-se na construção da relação entre o governo militar e o esporte mais popular do Brasil, seus objetivos e as etapas do processo que perdurou todo o governo Médici. Identificando os aspectos, buscamos elementos que apontem o papel crucial do futebol na consolidação da ditadura civil-militar, funcionando como um mecanismo de coesão social e integração nacional para construção de uma realidade social adequada aos parâmetros do projeto nacional desenvolvimentista idealizado pelos militares. Destarte, o desenvolvimento deste trabalho é constituído a partir de uma pesquisa documental, cujas fontes utilizadas são jornais e revistas, alinhados ou não ao governo, de grande repercussão no tecido social, considerando a função importante exercida pela mídia na propagação dos ideais da ditadura através do futebol. Considerando as tentativas anteriores da utilização do potencial de mobilização produzido pelo futebol por governos de diferentes correntes políticas, entendemos que nenhum grupo interpretou melhor o papel que o esporte teria em um projeto político quanto o governo do general Médici. Neste caso, o futebol adquiriu caráter simbólico de “segurança nacional”, ou seja, mecanismo fundamental no controle social das massas pela ditadura através da popularidade de Médici, se constituindo, ao lado do crescimento elevado das taxas econômicas e do sistema de repressão brutal dos opositores, as principais bases de sustentação da ditadura.

Palavras-chave: Futebol. Médici. Controle Social.

Cidade do México, 21 de junho de 1970. O capitão da seleção brasileira, Carlos Alberto, ergue o troféu da copa do mundo de futebol. No Brasil, o jornal O Globo estampa a frase “Médici diz: ninguém segura este país” em sua página de capa, pondo em

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História, Cultura e Especialidades, vinculado a Universidade Estadual do Ceará (PPGHCE – UECE), e-mail para contato: romulo.aguiar@aluno.uece.br.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

protagonismo a comemoração dos jogadores da equipe nacional e a manifestação do Presidente da República, General Emílio Garrastazu Médici.

Esta representação jornalística expõe a utilização do futebol como ferramenta de controle social pela ditadura civil-militar durante o governo Médici, vigente entre 1969 e 1974, quando o esporte foi manipulado como instrumento de propaganda política para fins de controle social e transmissão de valores comportamentais considerados, segundo a ótica ditatorial, elementos fundamentais para o desenvolvimento do Brasil.

O futebol, no Brasil, ultrapassou a fronteira esportiva, se constituindo parte da identidade cultural nacional. O fato de ter se tornado uma manifestação sociocultural de caráter democrático, superando as barreiras impostas pelas elites nacionais nos primórdios da chegada do esporte ao país, fez do futebol uma ferramenta extremamente popular junto a sociedade, principalmente entre as classes desfavorecidas.

Desse modo, o esporte bretão adquiriu um poder de mobilização expressivo ao reunir em arquibancadas de estádios pessoas de todas as classes sociais, sem distinção de cor, gênero, posição social ou política. Assim, o futebol no Brasil se transformou em um elemento de integração e afirmação social. O antropólogo Roberto Damatta afirma que o futebol transmitiu a experiência da “horizontalização de poder”, onde as classes se identificaram com os mecanismos e símbolos representantes da cultura brasileira:

Ora, num país onde a massa popular jamais tem voz e quando fala é através de seus líderes, dentro das hierarquizações de poder, a experiência futebolística parece permitir uma real experiência de “horizontalização de poder”, por meio da reificação esportiva. (...) é pelo futebol, então, que se permite a massa uma certa intimidade com os símbolos nacionais. (DAMATTA, 1982, p.34)

A rapidez com a qual se enraizou no tecido social permitiu ao futebol expressar sentimentos e reações de todos os campos da sociedade. Desde questões relacionadas ao racismo, como a proibição da convocação de jogadores negros para a seleção brasileira pelo presidente Epitácio Pessoa, em 1921², a resistência do Vasco ao formar um time apenas com jogadores negros em 2023, até momentos de afirmação do Brasil no cenário internacional com os títulos das copas do mundo em 1958 e 1962, os usos do futebol foram fundamentais para representar situações sociais, políticas e culturais do país.

² Correio da Manhã, 17/09/1921, p. 5



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

Assim, o futebol se tornou alvo de interesse político por parte de governos diversos e das elites que representavam, devido a capacidade de mobilização que possuía. Apesar de atuar como ferramenta de propaganda governamental em diferentes períodos, foi durante o governo Médici que o futebol foi explorado com maior intensidade, como instrumento de propaganda política e legitimidade da ditadura civil-militar para efetivar o projeto de controle social idealizado pelos militares.

O processo consistiu em utilizar o futebol, um fenômeno de massas, para capturar o imaginário popular em favor do projeto de poder militar, manipulando as sensibilidades da sociedade ao associar o esporte diretamente a ditadura, representada pela figura do presidente Médici. Neste contexto, o futebol se constituiu um mecanismo fundamental na consolidação do projeto nacional-desenvolvimentista ditatorial.

Futebol: coesão, integração e transmissão de valores

A utilização do futebol pela ditadura civil-militar durante o governo consistiu em três objetivos: usar o esporte como ferramenta de coesão social, integração nacional e transmissão de valores comportamentais. Estes pontos eram cruciais para a estabilização social em um período de intensa ebulição política.

A coesão social alcançada pela união em torno do futebol serviu a ditadura para diminuir as tensões sociais decorrentes do acirramento da repressão a opositores³ e das instabilidades enfrentadas no campo econômico. Neste ponto, a ideia de coesão através do futebol se coaduna com um dos princípios básicos do jogo: a superação de conflitos ou divergências em nome de um bem maior, o amor pelo esporte. Damatta afirma que o futebol no Brasil é capaz de reunir setores sociais em torno do jogo, produzindo relações de troca entre parcelas da sociedade que não dialogam no cotidiano:

Neste sentido, o futebol praticado no Brasil deve ser visto não só como um esporte (como uma atividade individualizada com conotações específicas), mas também como um jogo a serviço de outro conjunto de valores e relações sociais. Deste modo, no caso brasileiro, o futebol poderia ser visto como uma instituição capaz de juntar muitas esferas da vida social, daí termos utilizado

³ Reportagem do Jornal do Brasil no dia seguinte a instauração do Ato Institucional N° 5, em sua previsão do tempo: Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por fortes ventos (JORNAL DO BRASIL, 14/12/1968, p. 01).



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

a noção de Mauss de fato social total para poder compreender mais precisamente essa atividade. (DAMATTA, 1982, p. 26)

Para alcançar a coesão popular desejada, os militares optaram por associar-se a seleção brasileira, aprofundando laços com a cúpula da Confederação Brasileira de Desportos na figura de seu presidente, João Havelange. Por se tratar de um símbolo nacional, a utilização da seleção foi utilizada para incutir no imaginário popular a ideia de união em torno de um patrimônio brasileiro, superando as divergências internas, fator preponderante para o projeto nacionalista militar.

O exemplo do poder de coesão social potencializado pelo futebol ocorreu durante a disputa da Copa do Mundo de 1970. Opositores do regime declararam torcer pelo fracasso da seleção no mundial, contudo, alguns integrantes do mesmo campo apoiaram a equipe nacional sob o discurso de saber separar a imagem da seleção brasileira da figura de Médici. Essa cisão na oposição à ditadura em razão da torcida pela equipe nacional foi retratada pelo cartunista Henfil no jornal O Pasquim:

Um país inteiro para por causa do futebol, mas não para pra resolver o problema da fome... Este sim é o opio do povo! Faz esquecer-lo de que são explorados, subdesenvolvidos... Estou torcendo para o Brasil perder! Assim o país voltará a realidade e verá que a vida não é feita de gols, mas de injustiças... Nossa realidade não é tão infantil como uma jogada como esta de Pelé invadindo a grande área inglesa e... Pênalti! Pênalti! Juiz filho da mãe! Pênalti, seu safado! (O PASQUIM, 11 a 17/06/1970, p. 51)

Enquanto utilizou a seleção brasileira para forjar um sentimento de coesão junto a sociedade, no campo da integração nacional a ditadura optou por trabalhar com os clubes de futebol. Assim, as autoridades capitalizaram as relações próximas entre o governo e dirigentes de clubes, pois algumas das principais agremiações do país eram comandadas por políticos ou civis aliados ao regime⁴.

Chaim (CHAIM, 2014) afirma que o futebol, potencializado pelo tricampeonato da seleção brasileira em 1970, se tornou um poderoso elemento de integração nacional, pois seria um “instrumento catalisador da avalanche nacionalista”, responsável por promover a integração entre regiões longínquas e os centros de poder. Desse modo, o

⁴ Entre os dirigentes de clubes aliados a ditadura no período, destacavam-se os presidentes Athiê Jorge Coury (Santos FC), deputado federal pelo MDB de São Paulo, Wadih Helu (SC Corinthians), deputado estadual pela ARENA em São Paulo e Laudo Natel (São Paulo FC), governador de São Paulo pela ARENA em dois períodos: 1966-67 e 1971-75.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

governo patrocinou a criação do Campeonato Brasileiro de Clubes, em 1971, a partir da inclusão do futebol no Programa de Integração Nacional.

Além da aproximação entre governo e clubes, outra medida de integração através do futebol ocorreu com a instituição da Loteria Esportiva, em 1970. Segundo Chaim (CHAIM, 2014, p. 105) as autoridades conceberam a Loteria Esportiva como o “primeiro passo para promover a integração nacional pelo futebol”, atuando de forma coordenada com os jogos do Campeonato Brasileiro de Clubes:

A Loteria Esportiva era um jogo que impelia seus apostadores a acompanharem o desempenho não somente das equipes de seus respectivos estados, mas também dos outros estados do Brasil, uma vez que, em cada concurso, o apostador devia palpitar sobre os resultados de diferentes jogos – majoritariamente do Campeonato Brasileiro, mas também dos estaduais – que aconteciam sobre todo o território nacional. Dessa forma, um apostador do Rio Grande do Sul teria que saber minimamente as possibilidades de um clube do Amazonas vencer um jogo, e vice-versa. (CHAIM, 2014, p. 105)

Assim, o ideal de integração nacional entre as unidades da federação favorecia os esforços do governo Médici em manter a sociedade unida em torno de um propósito, no caso o futebol, para transmitir a ideia de pacificação social. Ao efetivar a integração por meio do esporte, a ditadura conseguiu consolidar o seu projeto de poder em todos os lugares do país, desde os centros de poder até os rincões mais longevos.

No campo da transmissão de valores, o governo utilizou a estrutura e o poder de mobilização do futebol para difundir padrões comportamentais considerados essenciais para o desenvolvimento da nação e consolidação do regime ditatorial. Guterman (GUTERMAN, 2006) destaca que a estrutura do futebol foi utilizada para transmitir a população a ideia de disciplina e ordem como as razões do sucesso dos atletas brasileiros que serviam de exemplo para o cidadão comum (GUTERMAN, 2006, p.41).

Desse modo, o futebol serviu como ferramenta de propaganda do governo para moldar o perfil do cidadão as características que os militares consideravam adequadas: trabalhador, ordeiro, patriota e disciplinado. O regime capitalizou a conquista do tricampeonato mundial em 1970 como um fruto do talento natural dos jogadores da seleção associado a disciplina imposta pela comissão técnica formada por profissionais da Escola de Educação Física do Exército, sediada no Rio de Janeiro, para transmitir a população a ideia de que a disciplina e o respeito a hierarquia eram fatores fundamentais para o bem-estar social e prosperidade da nação.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

Euclides Couto (COUTO, 2014) destaca “a natureza de estado” que a ditadura conferiu ao esporte. Neste ponto, o futebol foi alvo de investimentos no campo da preparação física, que sofreu um processo de militarização em sua metodologia e organização estrutural, obedecendo ao planejamento estratégico estatal:

Os governos militares elevaram os esportes à razão de estado, inserindo-o, justamente com a Educação Física, na planificação estratégica do governo. Assim, as políticas educacionais e esportivas deveriam se adequar ao modelo econômico definido no Plano Decenal do Desenvolvimento Econômico. (COUTO, 2014, p. 141)

A junção destes três fatores (coesão, integração, educação) a partir do futebol permitiu a ditadura idealizar um processo efetivo de controle social, reforçando a ordem social dominante. Desse modo, a execução do projeto planejamento a partir do uso do futebol foi realizada tendo como eixo central a associação da figura de Médici com o esporte, construindo a imagem de um presidente simpático, com gostos populares; um homem comum. Associando o general ao bom momento esportivo atravessado pelo futebol no período a ditadura tinha como objetivo efetuar o controle das massas a partir do sucesso do governo Médici, refletido pela sua popularidade.

Futebol: ferramenta de controle e legitimidade

A utilização do futebol como mecanismo de controle social das massas pela ditadura civil-militar, oferecendo coesão, integração e transmissão de valores de acordo com o projeto do regime, tinha dois objetivos considerados cruciais para os militares: pacificação social e legitimidade. Estes pontos foram inseridos como o norte principal pela cúpula governamental durante o governo Médici.

Quanto a pacificação social, o futebol exerceu um papel cultural devido a sua constituição enquanto esporte. Segundo Norbert Elias (ELIAS, 1992), a partir da modernização das regras do esporte, em 1863, pela Associação Inglesa de Futebol, visando sobretudo o controle da violência no campo de jogo, o futebol avançou junto ao tecido social por demonstrar equilíbrio em sua prática, se constituindo um esporte de massas devido a racionalização do jogo:

As condições que conduzem a fortes emoções individuais, especialmente as emoções socialmente partilhadas que poderiam levar a perda do autocontrole, tornaram-se então mais raras e menos toleráveis socialmente. O problema residia em como dar aos indivíduos a oportunidade de experimentar plenamente a excitação prazerosa que parece ser uma das necessidades mais básicas dos seres humanos, sem os consequentes perigos sociais e pessoais. (ELIAS, 1992, p. 239)



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

Desse modo, o futebol se constituiu um mecanismo de estabilidade da sociedade, elemento que se coaduna com a ideia de pacificação social de Elias (ELIAS, 1992, p.212). Para o sociólogo alemão, o esporte serve como um meio de resolução das diferenças entre determinados setores da sociedade que renunciam a violência em benefício de disputas civilizadas, apoiadas por determinadas regras e realizadas em espaços predefinidos pelos participantes da contenda.

Para a ditadura, utilizar o futebol como um elemento de contenção de potenciais revoltas sociais, se beneficiando da ideia do esporte como um elemento pacificador, seria um avanço significativo no processo de estabilização social no período. Assim, ao capturar o imaginário popular através da paixão pelo futebol, o regime se legitimou a partir da popularidade de Médici, ancorado em uma robusta máquina de propaganda.

Pacificando a sociedade, ainda que artificialmente, através do uso do futebol, o regime conseguiu atingir o segundo ponto da sua associação com o esporte: a conquista da legitimidade. Chaim (CHAIM, 2014, p. 67) afirma que, durante o governo Médici, o regime apostou em lastrear sua legitimidade no “sucesso administrativo”. Neste ponto, a popularidade do general seria o principal fator para consolidar o projeto militar:

Livre daquele dilema que impunha limites ao cálculo político de seus antecessores, Médici buscou lastrear a legitimidade política de sua gestão numa base diferente da deles. Com pouquíssimos pré-requisitos constitucionais a seguir, o terceiro presidente da “Revolução” buscou legitimar sua gestão no sucesso do país. (CHAIM, 201, p. 67)

A relação entre popularidade e legitimidade política no governo Médici obteve na capacidade mobilizadora do futebol o principal sustentáculo para a popularização da figura do presidente. Segundo Guterman (GUTERMAN, 2006, p. 58), a principal função do futebol era transformar a imagem do general em um “homem popular”, vinculando sua “brasilidade” a figura de “homem comum”. Neste sentido, o presidente cumpriu com sucesso sua missão de se aproximar do esporte pois era dotado de uma característica que o diferenciava dos antecessores: gostava genuinamente do jogo.

O sucesso da aproximação entre Médici e o futebol, segundo Guterman, permitiu ao presidente aumentar seus índices de popularidade através de uma manifestação relacionada as massas. Contudo, um traço que permitiu uma associação imediata entre o jogo e o regime foi um elemento comum entre os dois agentes: o nacionalismo. A ditadura



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

tinha como principal característica ideológica o discurso nacionalista, elemento com forte influência na composição e popularização do futebol.

Benedict Anderson (ANDERSON, 2013, p. 131) definiu a ideia de nacionalismo oficial, conceito com o qual a ditadura civil-militar brasileira se identificava, como uma resposta dos grupos dominantes ao nacionalismo popular, ligado as classes subalternas. Esse tipo de nacionalismo era caracterizado por medidas conservadoras para manter a identificação popular com a nação, contudo, sem contestar o status de dominação.

O futebol, neste sentido, seria um fenômeno com características do nacionalismo popular, ao representar no campo de jogo as comunidades locais ou nacionais. Contudo, o esporte foi utilizado para reproduzir o discurso nacionalista oficial, mantendo o apoio popular ao grupo detentor do poder político. Nesta perspectiva, o governo Médici adotou medidas para transmitir a ideia de pertencimento do cidadão a nação.

Assim, adotando uma retórica com forte teor nacionalista associada a um esporte com características idênticas ao discurso militar, o regime conseguiu manter inalterado o status de poder dos grupos dominantes que o apoiaram no golpe de 1964. Desse modo, o futebol atuou como elemento perpetuador do poder simbólico.

Para Bourdieu (BOURDIEU, 1989), o entendimento sobre poder simbólico surge a partir da ideia de que este é fundamentalmente um poder de construção da realidade, “exercido apenas se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário” (BOURDIEU, 1989, p. 14). Nesta perspectiva, só pode ser efetivado com a cumplicidade dos dominados em relação aos dominantes, se considerando invisível e atuando para reproduzir a ordem social dominante.

Neste caso, o futebol serviu como o mecanismo de reprodução social. Embora o esporte seguisse as ordens do regime e transmitisse a população o projeto de poder dos militares, atuando como ferramenta de controle social, o apoio popular a figura de Médici, visto como um “homem do povo” através da sua paixão pelo jogo, denotava a ideia de que as classes subalternas estavam de acordo com o processo engendrado.

A reprodução do poder simbólico dominante a partir do futebol foi possível graças a manipulação das sensibilidades populares. Para Pesavento (PESAVENTO, 2008), “as sensibilidades correspondem as manifestações do pensamento ou do espírito, pelas quais aquela relação “original” é organizada, interpretada e traduzida em termos mais estáveis



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

e contínuos” (PESAVENTO, 2008, p. 4). Assim, as sensações produzidas pelas sensibilidades resultam nos sentimentos, o que traduz a fidelidade popular ao futebol, ou seja, a prática do esporte está intimamente ligada com a capacidade que o jogo tem de produzir emoções diversas no outro.

Ao capturar a sensibilidade humana, o futebol ocupa o imaginário popular, onde adquire importância singular no desenvolvimento das relações sociais. Desse modo, o futebol produz uma capacidade de mobilização popular única, interferindo no cotidiano dos setores sociais, mesmo aqueles que inicialmente não se identificam com o jogo.

Associar-se ao futebol permitiu a ditadura ter o poder sobre este processo complexo. Neste sentido, o apoio da imprensa foi fundamental para o desenvolvimento da relação entre Médici e o esporte, divulgando cada medida ou pronunciamento do presidente em relação ao funcionamento do jogo no país, desde a ida aos estádios até as comemorações pelo tricampeonato da seleção brasileira, em 1970. A reportagem especial do Jornal do Brasil sobre as comemorações do presidente no palácio após a confirmação do título brasileiro retrata o protagonismo conferido ao general:

Médici percebe a barulheira que o povo fazia nos jardins. Vai até a frente do palácio e a multidão delira quando o vê. O presidente desce as escadas correndo, no caminho pega uma bandeira e se mistura. Durante três minutos, recebe todos os abraços, grita ele também, é arrastado para o meio do bloco. Nessa hora, os auxiliares interferem, vão buscar o presidente que, eufórico do jeito que está, vai acabar machucado. Médici volta para o interior do palácio, vermelho, ri muito, a camisa amarrotada. O presidente quer é falar com Pelé. (JORNAL DO BRASIL, 23/06/1970, p. 12)

Para Marczal (MAR CZAL, 2013), a propaganda política foi o “elemento catalisador” capaz de transformar os êxitos esportivos em benefícios para o projeto político de Médici, se constituindo “na tentativa de aproximar a imagem do regime a população” (MAR CZAL, 2013, p. 25). Marczal aponta que a estratégia de propaganda do governo Médici em relação ao futebol era uma oportunidade valiosa de popularizar o regime junto as massas, algo inédito desde a instauração da ditadura, em 1964.

Desse modo, o futebol foi o instrumento cultural que, associado ao Milagre Brasileiro no campo econômico, catapultou os índices de popularidade de Médici, tornando o general gaúcho o presidente com as maiores taxas de aprovação entre os militares que presidiram o Brasil durante a ditadura civil-militar.

Considerações finais



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

A utilização do futebol, seu poder de mobilização popular e influência cultural, em benefício de um projeto de poder não é novidade no Brasil. Epitácio Pessoa, Getúlio Vargas, Eurico Gaspar Dutra, Juscelino Kubitschek, João Goulart, Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro foram alguns dos presidentes que, em certo momento, se aproximaram do futebol em busca de capitalização política para seus projetos políticos.

Contudo, dentre estes governos, nenhum interpretou tão bem o potencial de mobilização que o futebol em um projeto de poder quanto o governo do general Médici. Para o governo do terceiro general-presidente da ditadura civil-militar brasileira, o futebol adquiriu um caráter simbólico de “segurança nacional”, se constituindo ao lado do crescimento econômico superlativo e da repressão brutal dos opositores, as principais bases de sustentação política e social da ditadura.

Pensar a função do futebol no projeto nacional desenvolvimentista civil-militar do governo Médici é importante para entender o principal questionamento existente sobre o mandato presidencial do general: como o governo mais repressivo e brutal na perseguição aos seus opositores, cujo período foi marcado pelo aumento expressivo no número de mortos e desaparecidos políticos, é também conhecido por ter produzido o presidente mais popular da ditadura civil-militar?

Para responder esta questão, devemos refletir o papel que o futebol exerceu durante o governo Médici. Sem a associação com o futebol, Médici seria o presidente do Milagre Econômico, contudo, não teria se tornado uma figura popular e querida entre a classe trabalhadora. Foi o futebol que o aproximou das massas.

Desse modo, consideramos que o futebol foi o fenômeno que melhor constituiu o projeto de popularização da imagem do general, reproduzindo a ordem dominante no cenário social nacional, sendo o principal mecanismo de difusão dos ideais propagados pelos militares no período ditatorial: segurança, desenvolvimento e integração.

Referências

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões Sobre a Origem e Difusão do Nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CHAIM, Aníbal Renan Martinot. *A Bola e o Chumbo: Futebol e Política nos Anos de Chumbo da Ditadura Militar Brasileira*. São Paulo, 2014. 163. Dissertação de Mestrado. FFLCH-USP.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

COUTO, Euclides de Freitas. *Da Ditadura à Ditadura: Uma História Política do Futebol Brasileiro (1930 – 1978)*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

DAMATTA, Roberto. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

ELIAS, Norbert Elias. DUNNING, Eric. *Deporte e Ócio en el Proceso de la Civilización*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

GUTERMAN, Marcos. *O Futebol Explica o Brasil: O Caso da Copa de 70*. São Paulo, 2006. 155. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.

MARCZAL, Ernesto Sobocinski. Sobre a Unidade em Torno de um Caneco: Futebol, Política e Imprensa na Vitória “Brasileira” na Copa do Mundo de 1970. *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 6, n. 2, p. 1-27, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber e ROSSINI, Mirian de Souza. *Narrativas, Imagens e Práticas Sociais: Percursos em História Cultural*. Porto Alegre: Asterisco, 2008.